

Entrevista com Aquino de Bragança (II) 14

Chegou o tempo de África pensar em termos de grandes conjuntos

Na primeira parte desta entrevista com Aquino de Bragança, professor, jornalista, historiador, um dos mais qualificados observadores da cena africana, falou-se da necessidade de abrir o «dossier descolonização», da contribuição que, nesse sentido, representou a recente visita do presidente Eanes, dos últimos tempos da presença colonial portuguesa em Moçambique e da viragem histórica que, a partir do 1970, se opera com a derrota militar de Kaulza de Arriaga. Face à situação real que se via no teatro de guerra quanto eclode o 25 de Abril, Aquino de Bragança concluiu mesmo por uma posição algo explosiva: em Moçambique não chegou a haver descolonização pelo simples facto de que a mudança do poder já se começara a operar antes da viragem política realizada em Portugal. Nesta segunda parte da entrevista, retomamos ainda com o tema descolonização:

DL - O «dossier descolonização» não engloba apenas as relações coloniais, os actos de guerra e a retirada do exercito. Ele abrange também as próprias relações entre partidos e forças de esquerda portuguesa e a Frelimo, antes e depois da independência. No imediatamente pós-25 de Abril falou-se mesmo de uma «corrida», de tentativa de monopolização das relações com Moçambique, via Frelimo.

AB - Eu não faço essa leitura dos acontecimentos. Eu penso que a demora na normalização das relações Estado a Estado levou a que forças políticas portuguesas, como por exemplo o PCP, tivessem, a partir dos acordos de Lusaca - e diga-se de passagem que o Partido Comunista esteve muito distante do processo que levou aos acordos de Lusaca -, normalizado as relações com a Frelimo. Criaram-se condições para o entendimento e eu felicito-me pela consolidação das relações entre a Frelimo e o PCP. Mas afirmar que houve monopolização des-

tas relações, parece-me excessivo. Pelo menos daqui do lado moçambicano, não tenho condições para o poder afirmar.

DL - Mas antes da independência, a questão colonial não constitui tema central das preocupações dos partidos da esquerda portuguesa. Há tomadas de posição corajosas, mas não há análise de fundo.

AB - A questão colonial ficou, de facto, fora das preocupações centrais dos partidos da esquerda portuguesa. O Partido Comunista, o Partido Socialista, tomaram posições de principio inequívocas, apoiando moralmente a luta de libertação e o PCP e provavelmente, o partido comunista europeu que mais longe foi na sua tomada de posição. No entanto, pelo que eu conheço da história da Frelimo, as relações com o PCP, para já não falar no PS, eram bastante distantes e só se estreitaram no período de transição para a independência, numa altura em que pela parte da Frelimo, a política foi de abertura aos partidos que aceitaram o acordo de Lusaca.

Foi o caso do PS ao qual, no entanto, me parece que faltou uma política «descolonizadora».

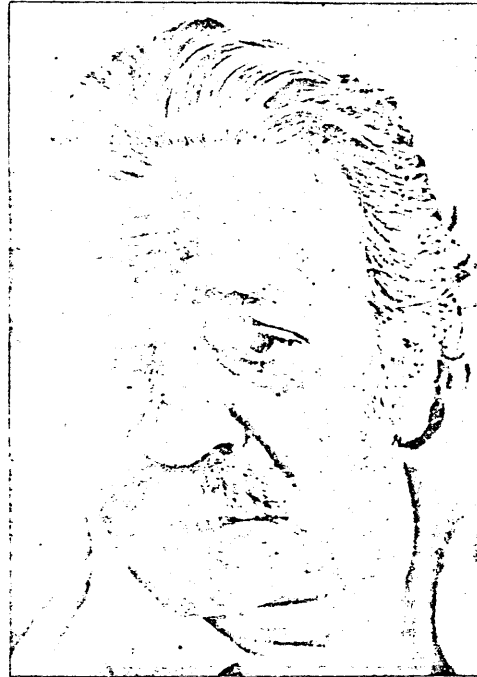
DL - Complexos do colonizado e complexos do colonizador. Em Portugal, pelo menos nalguns sectores, pode ainda hoje falar-se de um complexo do colonizador. E em Moçambique?

AB - Sim. Mas acho que esta viagem presidencial facilitará o degelo. Claro que há complexos... Esta guerra foi uma espécie de terremoto, que deixou marcas e levou um certo tempo para que se desvanecessem. Mas penso que esta visita do presidente Eanes acelerará este processo de libertação dos dois povos.

Portugal e a África Austral

DL - E criar-se-ão condições para que Portugal possa incrementar as suas relações com toda esta zona de África? Que papel poderá desempenhar Portugal na complexa situação da África Austral?

AB - Penso que existem condições para, no próximo futuro, se criar um eixo Lisboa-Maputo. Há todas as condições para se criar esse eixo, sem de maneira nenhuma diminuir a soberania dos dois países. Hoje acredito que Portugal está em situação de representar os interesses de Moçambique, e talvez mesmo da África Austral, junto de uma certa Europa, uma Europa Atlântica visto que Portugal faz parte da Aliança Atlântica e Moçambique não pretende, de maneira nenhuma, fazer disso um impedimento. E poderá fazê-lo com vantagens recíprocas. Da parte de Portugal, poderá



Aquino de Bragança

haver, também, o recurso aos bons ofícios de Moçambique no sentido de lhe abrir as portas desta zona de África. E refiro-me especialmente à África anglo-fona que tradicionalmente se encontrava vocacionada para o relacionamento prioritário com os grandes grupos financeiros anglo-saxónicos. Posso dizer que, da parte de Moçambique, tem sido feito um certo esforço nesse sentido.

Acredito que chegou o tempo de a África, fragmentada que tem estado, começar a pensar em termos de grandes conjuntos, perspectivando a sua política não apenas em termos de 10 ou 12 milhões de habitantes de um país determinado, mas para 40 milhões ou mais de pessoas tanto são os habitantes da África Austral. Ora é aqui que Portugal, tendo já passado o estado de subdesenvolvimento, tendo algumas indústrias de ponta importantes, poderá entrar neste jogo que para nós é decisivo. Precisamos de mover uma guerra sem tréguas à África do Sul, conduzida no sentido da descentralização das nossas economias relativamente a Pretória.

DL - Uma guerra de que tipo? económica, penso...

AB - Bom, terá que retroceder e clarificar melhor algumas das coisas que disse anteriormente. Vejamos: a partir dos anos 70, como já disse, a sorte do regime colonial português estava decidida. Portugal tinha perdido a batalha. Mas não se sabia ainda se Moçambique tinha ganho. Isto porque, para além da guerra colonial, o verdadeiro conflito ia-se desenhar nessa altura entre Moçambique e Pretória. Por outras palavras, vencido o colonialismo português Moçambique iria ter de passar por uma fase que nenhum outro país colonizado passou, a de subordinação a um outro colonialismo, o da África do Sul. Em última análise, a descolonização era adiada, porque dela passava-se a uma recolonização, desta vez por parte de um país vizinho. Daqui que a nossa luta com Pretória seja de vida ou de morte: ou eles ganham e nós, e todo este con-

junto da África Austral, passamos à situação de Estados-clientes, totalmente na órbita de Pretória, como uma espécie de banhistões, ou nos «desengajamos» de Pretória e passamos a ser Estados soberanos, independentes, com centros de decisão económica próprios. E precisamente em todo este jogo que penso que Portugal poderá ter um papel importante a favor da nossa independência.

DL - Em todo este jogo, de que fala, a criação da SADCC parece ser um dado decisivo. Mas será realizável, para além das boas intenções e até de alguns passos concretos já dados?

AB - É um projecto que já começou a concretizar-se. E não é porque acaso que surgem agora alguns actos de sabotagem de maior envergadura, como no caso das boias do porto da Beira, atribuídos a uma tal «Resistência» moçambicana. Na verdade, trata-se de uma ofensiva virada principalmente contra este projecto do conjunto dos países da África Austral para se libertarem da tutela sul-africana. E por isso pode-se dizer sem receio que a guerra, no plano económico, já começou.

A «Resistência» é uma criação sul-africana

DL - «Resistência». Ai está um tema de que hoje se fala muito, mesmo aqui em Moçambique. Não parece haver dúvidas quanto a interferência externa nessas actividades. Mas, para além disso, não se poderia considerar-se uma parte dessa «Resistência» como resultante do exacerbamento de contradições internas, porventura normais no curso de um processo revolucionário?

AB - Não. A contradição é uma condição do próprio movimento do processo revolucionário e surgem dentro desse mesmo processo. Mas no caso da Frelimo, essas contradições não são, hoje em dia, antigónicas, e como tal, têm sido resolvidas. Ora essa actividade da «Resistência» não nasceu do

ventre mole do país, não encontra uma corrente de transmissão no interior.

Tudo me leva a crer, e as revelações feitas por um agente da «Boss», de nome Collin Winter, que acaba de publicar um livro muito importante em Londres, podem ser conclusivas: a «Resistência» é uma criação sul-africana ou pelo menos uma forma de cobertura para operações directas do exercito sul-africano que as apresenta depois como acções de moçambicanos. Ora todos sabemos que não há moçambicanos em condições de operarem tao eficazmente.

Qualquer oposição séria que possa aparecer ao partido Frelimo - dirigido pelo presidente Samora Machel, tem de ser obrigatoriamente uma oposição que se estruturasse dentro do sistema e ao nível político-militar. Só assim tem força. Ora, embora seja evidente que existe algum descontentamento no país - existem problemas como o do abastecimento, etc. -, a verdade é que não vejo uma oposição aglutinada com um programa, oferecendo uma alternativa. Pelo contrário, ao que se assiste é a uma série de operações subversivas, contra-revolucionárias, tendo como objectivo desestabilizar a República Popular de Moçambique.

V. veja, por exemplo, que uma boa parte dos dirigentes que reivindicam o comando dessa frente de «resistência» são antigos colaboradores de Jorge Jardim, como o seu secretário-geral, o antigo caçador profissional Cristina, o Alvaro Passos, o Fernandes, que se notabilizou como informador da PIDE, um antigo director de um jornal orientado pelo Jardim, etc. Essa gente não me parece que possa dirigir operações de um tipo que me lembra as dirigidas por Israel contra o Líbano. São operações de uma alta tecnicidade, altamente sofisticadas, que não podem ser concebidas por um Cristina, por um mediocre caçador.

Não. Todas estas operações são dirigidas e pensadas a partir do Pretória. Aliás, os serviços militares moçambicanos dispõem já de muita informação que certamente será divulgada quando for julgado oportuno.

DL - Falou de homens de mão de Jorge Jardim. Acha possível que o proprio Jardim tenha alguma interferência nestes acontecimentos?

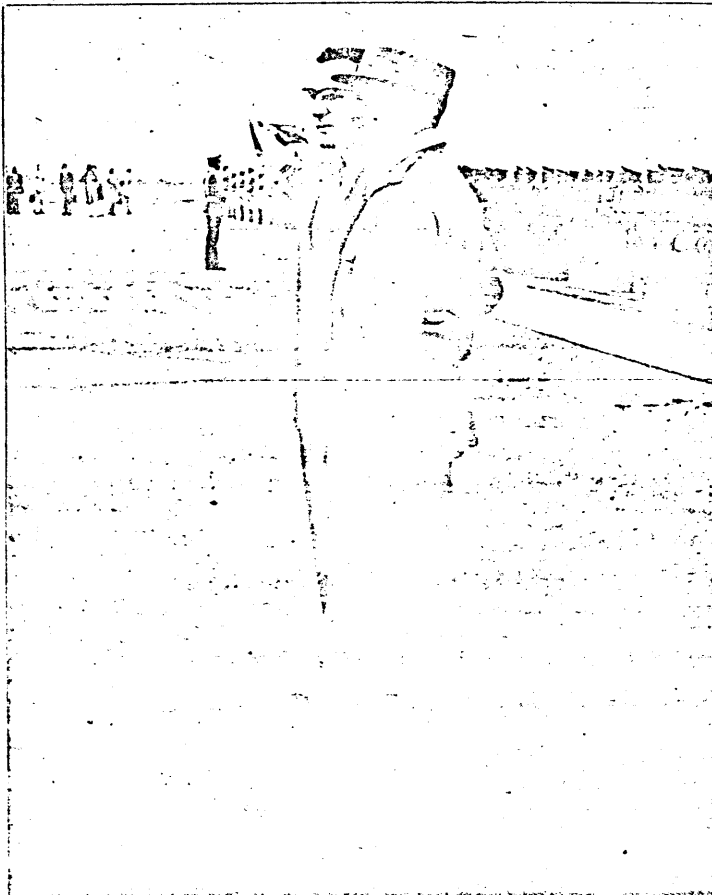
AB - Não. A operação Jardim é uma operação publicitária. Jardim nunca foi o que se diz dele. Isso de o apresentar como um ás da diplomacia, um legiãoário... Bom, é de um enorme quifotesco. Jardim era, em Moçambique, um representante do poder de Salazar, e uma grande parte dos fundos de que ainda dispõe hoje faz parte desses fundos que foram postos a sua disposição directamente pelo poder salazarista, pelo Tesouro português, para criar um exercito paralelo aqui, em Moçambique.

Para além disso, há hoje informações precisas de que Jardim trabalhava também para a «Boss», a qual remunerava igualmente os seus serviços.

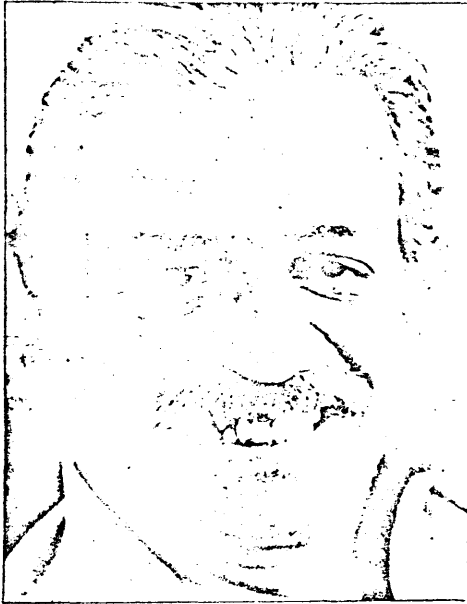
São todos estes fundos que lhe permitem passar hoje por um industrial, um milionário.

«O marxismo de Samora»

DL - A FRELIMO, ao longo da sua existência, tem sido apontada, sucessivamente,



Ramalho Eanes e Samora Machel, definitivamente enterrado o passado colonial



Aquino de Bragança

Entrevista com Aquino de Bragança (II) 14

continuação da pag. IX

como alinhada com a China, primeiro, depois, e já após a Independência, com a União Soviética... Na verdade, no contexto internacional, onde se situa a FRELIMO?

AB — Eu pessoalmente sempre coloquei as maiores reticências a qualquer análise tendente a colocar-nos na órbita de qualquer potência, seja a China, a União Soviética ou outra qualquer.

A esquerda europeia tem dificuldade em compreender a FRELIMO. Os jornalistas, os politólogos europeus, têm necessidade de situar. Para eles, um movimento de esquerda, orientação progressista, marxista, tem de ser «par la force des choses» pró-soviético ou pró-chinês. Penso que a questão tem de ser colocada de outra forma.

O marxismo em Moçambique — aquilo que eu chamo o mar-

xismo de Samora — aparece como uma resposta às questões que a sociedade moçambicana em guerra levantava e que o nacionalismo, so por si, não era capaz de dar. A genese do marxismo moçambicano é diferente da de outros marxismos. Por exemplo, a criação dos partidos marxistas no Senegal fez-se por uma espécie de um enxerto nos sindicatos, foi transmitido pelos quadros sindicais franceses. Acho que esta é uma maneira como outra qualquer de implementar a doutrina marxista. Não so pró nem contra. Há muitas maneiras de fazer surgir o marxismo, que brota essencialmente para resolver problemas. Moçambique teve a sua própria experiência.

Eu vou-lhe contar um caso que se passou, salvo erro em 1967, na 2.ª Conferência da CONCP em Dar-es-Salaam.

Foi talvez a única conferência internacional onde os chineses e os soviéticos, como convidados,

países que apoiavam a luta da Frelimo, não entraram em conflito. E isso foi resultado de um paciente diálogo com os dirigentes soviéticos e chineses que estiveram presentes. Tive o prazer de participar nesse diálogo prévio da conferência na qual era anfitrião o presidente Eduardo Mondlane. Nós conseguimos, ainda que com muita dificuldade, fazer compreender aos camaradas soviéticos e chineses, que, sem termos a pretensão de resolver o conflito que os separava, pensávamos que, ali, naquela conferência, havia outros problemas. E perguntamos a ambos por que estavam ali. Responderam-nos que estavam presentes para saudar a nossa luta anti-imperialista. E aqui residiu o nosso argumento principal: gostaríamos, dissemos-lhes, que tomassem então posição sobre o inimigo comum, sobre o inimigo principal, que era o colonialismo português e os seus aliados. E assim se conseguiu que nesta conferência, tanto quanto sei pela primeira vez, o conflito sino-soviético não viesse a debate.

Isto já revela, em 1967, uma grande maturidade da FRELIMO que foi, provavelmente, o único movimento na África Austral que recusou envolver-se no conflito sino-soviético. E não o fez por razões de oportunismo, mas antes devido a uma pedagogia que foi introduzida no partido por esses dois grandes pedagogos, Eduardo Mondlane e Samora Machel: definir em cada etapa, correctamente, o inimigo. O inimigo, para a Frelimo, não podiam ser os chineses ou tão pouco os soviéticos. E é esta linha de pensamento que se mantém rigorosamente até hoje.

A FRELIMO, continua aberta, tem boas relações com os soviéticos, com os cubanos, com os chineses. E se hoje não há uma colaboração mais estreita com a China, não é porque a FRELIMO se tenha distanciado da China,

teve uma atitude extremamente positiva. Refiro-me às posições correctíssimas, tanto do Presidente Português como do Governo, relativamente a Namíbia e a Angola.

De Mondlane a Samora

DL — Aquino de Bragança, como jornalista, como historiador, como homem ligado desde o início à luta de libertação em África, e muito particularmente a Moçambique, está, certamente, em condições de responder a uma questão que sempre desejei colocar. Concretamente, se Eduardo Mondlane, que era ainda homem novo quando morreu, não tivesse sido tão brutalmente afastado da direcção da FRELIMO, a evolução do movimento seria idêntica à que foi sob a direcção de Samora Machel?

AB — Bom, isso é entrar no domínio da especulação.

Há muito pouca gente que conheça verdadeiramente Mondlane. Porque houve vários Mondlane.

Numa entrevista quase inédita, pois publiquei dela só alguns extractos, gravada por mim semanas antes da sua morte, ha dois temas que ele desenvolve. Um, era a necessidade de criar um partido marxista-leninista; outro, era a previsão de uma vietnamização do conflito nesta zona, com uma intervenção americana a favor da África do Sul (o que de alguma forma se está a verificar hoje).

Claro que continua a ser muito difícil precisar como iria realmente evoluir Mondlane. Mas eu penso que essa evolução não poderia dar-se distanciado da aia progressista da FRELIMO que a partir dos anos 70 toma as redes da condução do movimento.

É possível que Mondlane tivesse imprimido um outro estilo à acção...

A genese teórica da FRELIMO

«Há muitas interpretações inexactas que surgem do facto de se esquecer, ou não se conhecer, ou não se apreciar, a genese da formação teórica e ideológica da FRELIMO. A FRELIMO nasce como partido nacionalista, mas já desenraizado do espontaneísmo que tinha caracterizado outros movimentos. O núcleo histórico de dirigentes já tinha feito uma análise aprofundada do processo político nos países africanos de independência recente e de revoluções falidas. Assim, durante a luta, purgou-se o nacionalismo africano dos seus aspectos simbólicos, dos mais o mais resistente era o racismo».

«O importante não é só a unidade e a coerência teórica do núcleo dos dirigentes históricos, mas também, e direi sobretudo, a luta para dar as massas a possibilidade de participarem de terem o poder e a possibilidade de aprenderem a exercitá-lo. O marxismo da FRELIMO, não é, como escrevem os nossos inimigos, a imposição de uma teoria estranha à nossa tradição; é, pelo contrário, a nossa tradição mais verdadeira, a cultura da luta de libertação que se transforma de nacionalista em revolucionária.»

Aquino de Bragança

mas porque a China se distanciou de África por razões que eu próprio tive oportunidade de constatar em conversas com dirigentes chineses que admitiram que os problemas de ordem interna que enfrentam os levaram muitas vezes a perspectivar de forma errada grandes questões internacionais e especialmente a política africana.

Definitivamente, não se pode encarar a luta da FRELIMO sob um ângulo pró-soviético ou pró-chinês. A FRELIMO continua a definir claramente o seu inimigo que é hoje a África do Sul e a condenar os apóios, que Pretoria recebe, sobretudo os que advêm da nova administração Reagan que permite que se crie aqui uma zona de tempestade que poderia alastrar para além das fronteiras sul-africanas e provocar uma nova guerra mundial.

Gostaria de sublinhar aqui que, neste campo, Portugal já

Repare: eu conheci muito de perto Eduardo Mondlane e Samora Machel. Mondlane aparece como o grande arquitecto do nacionalismo moderno em Moçambique; Samora Machel assume a fase revolucionária, o que se poderia ser feito por um elemento da aia político-militar.

Mas penso que não se deve especular sobre este assunto. Até porque havia um grande acordo entre os dois dirigentes.

Mas dou-lhe mais uma acheça: na véspera do assassinato de Mondlane havia dois grandes vultos na Frelimo, um era Mondlane outro era Marcelino dos Santos e ambos aderiram à corrente revolucionária. Os outros — Simão, etc. — são variados. Ora esta corrente revolucionária vai conduzir-se em torno do polo político-militar cujo grande condutor, na minha opinião, foi efectivamente Samora Machel.